

Esse livro é composto por uma coletânea de textos que abordam certas formulações das indagações psicanalíticas a respeito do ser da mulher. Investiga o feminino na obra de Virginia Woolf, situada em relação à história da psicanálise. No final, aproxima os preconceitos sexistas mantidos em relação à fala da mulher, tida como histérica e sem sentido, dos vários tipos de violência ainda contra ela perpetrados no mundo contemporâneo.

O feminino tem contornos enigmáticos, postos em pauta pela investigação psicanalítica desde a primeira hora, quando esta se voltou para a gênese da sexualidade. A diferenciação imprecisa, entre feminino e passivo, e a necessidade de superá-la marcam os textos freudianos. Além disso, cumpre lembrar que a psicanálise trouxe um novo leque de possibilidades para o *ser mulher*, na medida em que desvinculou o feminino da determinação biológica. Nenhuma destas considerações, trazidas aqui a título de exemplo do que pode despertar o interesse com que se faz nossa leitura, deixa de encontrar subsídios nos textos de Maud Mannoni.

Entretanto, abrir esse livro de ensaios que, após informações históricas e biográficas, nos traz perfis de Virginia Woolf envoltos por teorias psicanalíticas, pode trazer uma decepção

Quem tem medo do feminino?

Resenha de Maud Mannoni, *Elas não sabem o que dizem – Virginia Woolf, as mulheres e a psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999, 126 p.

inicial. Com efeito, o primeiro texto de *Elas não sabem o que dizem – Virginia Woolf, as mulheres e a psicanálise* apresenta-nos a escritora inglesa desfigurada e esfacelada. Este nos parece ser o efeito de um excesso de comparações do seu pensamento com os de Freud, Melanie Klein, Lacan, Winnicott, Octave Mannoni e outros psicanalistas. Ainda, o paralelo estabelecido, entre fatos e momentos da história pessoal de Virginia Woolf e recortes da história da psicanálise agravam a aparência de *pot-pourri* informativo, que mantém no ar a pergunta do leitor: a que vem essa abordagem de Virginia Woolf?

Maud Mannoni coloca, no início do livro, que, se só há, para Freud, libido masculina, para Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher, torna-se”. Declara, em seguida, seu intento: “É essa a questão que tentarei retomar, através da obra de Woolf” (p. 10). Mas, para nós, é aos poucos, lentamente, que se torna possível reconhecer certos pontos de vista da autora, que vão dando consistência a sua abordagem. Podem ser exemplificados por parágrafos como o seguinte:

“Sabemos que Freud achava a psicologia das mulheres mais complicada que a dos homens. Um dia, confessou isso a Marie Bonaparte. ‘A grande pergunta que ficou sem resposta, e à qual eu mesmo nunca pude responder, apesar dos meus trinta anos de estudo da alma feminina é a seguinte: o que quer a mulher?’ A isso, Lacan responde: ‘ela deseja, muito simplesmente’” (p. 29).

Tudo faz crer que o projeto da autora, que vai tomando forma diante do leitor, seja o de realizar uma leitura-escuta do feminino. Lembrando-nos de que Virginia Woolf teve oportunidade de tomar conhecimento de teorias freudianas a respeito da sexualidade, ela adota um modo peculiar de relacionar a escritora inglesa com a psicanálise: “Ao contrário da concepção antiga, Freud toma como hipótese que só há libido mas-

culina e, segundo ele, toda criança nasce com tendências bissexuais. Cabe à psicanálise, diz ele, examinar como alguém se torna mulher. No caso de V. Woolf, poderíamos acrescentar: como alguém se torna mulher fora dos esquemas sexuais estabelecidos pelos homens?” (p. 19).

Apesar das afirmações acima, a autora não deixa de registrar que só em 1939 V. Woolf começou a ler Freud, pois temia que a psicanálise viesse a “colonizar o campo literário” (p. 31); receava ser influenciada pela tendência, que estava no ar, a transformar a literatura em estudos de caso. Devemos também assinalar que há momentos em que Maud Mannoni se apóia de modo taxativo na afirmação atribuída a Freud, de que só há libido masculina. Contra uma afirmação presente no próprio equacionamento das questões que aborda, a autora reconhece que, no texto em que batiza a sexualidade feminina como *continente negro* (“A feminilidade”), Freud fala de uma só libido, tanto masculina quanto feminina (p. 31). Cabe aqui, portanto, falar de dois aspectos desse pequeno livro de Maud Mannoni. Primeiro, os artigos antes mais parecem conjuntos de anotações do que desenvolvimentos bem articulados dos temas que vão sendo mencionados. Segundo, é preciso observar que essa reunião de escritos traz fragmentos diversos de teorias psicanalíticas, citados sem reaproximação ou comparação conclusiva no final. Se um dos artigos fala de uma só proposição freudiana, pode

ter algumas de suas afirmações contestadas por aquele que a ele se segue. É o que se dá no caso dessas referências distanciadas a momentos diferentes do desenvolvimento freudiano da teoria da libido.

A publicação resulta de um ajuntamento dos textos, onde é flagrante a ausência de uma autora que teria relido a concatenação de seus próprios comentários. Até sua morte, aos 75 anos, Maud Mannoni trabalhou no centro de pesquisa e espaço terapêutico da École Experimentale de Bonneil, onde teria lutado para devolver ao louco sua fala, sua palavra na sociedade. A pertinência dos temas da publicação em questão não deixa pois de incluir uma referência subjacente, homenagem até, à práxis da autora. Mas os pontos fracos da coletânea são por demais evidentes. A curiosidade histórica, tantas vezes evocada nos mais variados contextos, o fato de Leonard e Virginia Woolf terem sido proprietários da Hogarth Press, editores da obra de Freud, leva M. Mannoni a uma interpretação ingênua, a valorizar em excesso essa coincidência, como também o faz neste outro parágrafo:

“No ano em que Virginia publica *Mrs. Dalloway* (1925), Freud tratava do problema do complexo de Édipo na menina.// O que leva esta a renunciar à

mãe e tomar o pai como objeto de amor? O motivo do ‘desaparecimento’ do complexo de Édipo na menina nos escapa, diz ele” (p. 28).

Parece superficial a forma interpretativa por meio da qual a *sensibilidade* de V. Woolf é relacionada com o pensamento psicanalítico seu contemporâneo. A autora aproxima temas trazidos por V. Woolf da trajetória das investigações freudianas e kleinianas; relaciona suas próprias questões a respeito do tema da feminilidade com a contribuição de Melanie Klein, e de outras psicanalistas reconhecidas por Freud; dá a entender que as mesmas questões estão nos textos da escritora inglesa. Ao entender que Virginia Woolf “se sente mais próxima de Melanie Klein” (p.16), não deixa de valorizar o fato de Melanie Klein ter dado suas conferências na casa do irmão e da cunhada de Virginia, Adrian e Karin Stephen, em 1925 (p. 31). Contudo, o fundamento de suas sugestões, de que V. Woolf teria algum tipo de proximidade em relação a Melanie Klein, não vai além da referência ao aprofundamento da “relação precoce mãe-filho” (p. 30) na teoria kleiniana e da atribuição de uma certa *sensibilidade* à escritora: “Virginia é sensível à importância dada à relação precoce mãe-filho na obra de Klein” (p. 33).

Apesar da falta de explicitação de argumentos ou de critérios para certas conclusões, os textos de Maud Mannoni têm momentos em que o leitor, por assim dizer, é levado a pensar junto com ela. Quando a teoria psicanalítica em que

se baseia está mais diluída em sua leitura-escuta, esta parece se tornar mais tangível e menos voltada para comparações inconsistentes. É o caso de páginas em que compartilha com o leitor sua leitura de passagens de romances de Virginia Woolf, não sem fazer antes uma afirmação temerária e reducionista:

“Como vimos, na obra e na vida de Virginia Woolf, a água simboliza a procura da mãe perdida, que se tenta reencontrar, para anular e negar a separação. É esse, especialmente, o tema de *Passeio ao Farol*” (p. 68).

Mostra outra acuidade na escuta da escritora inglesa, sobretudo quando, sem generalizar, destaca parágrafos de certas obras. Em uma leitura, também de *Passeio ao Farol*, detém-se no relacionamento de Lily Briscoe, a pintora, com Mrs. Ramsay, dama vitoriana, mãe de oito filhos, mas que, ainda assim, tem *alma*. Mannoni assinala que Lily Briscoe tem a idade de V. Woolf (44 anos) e que *induzindo* a tristeza no leitor, sem precisar descrevê-la, a escritora inglesa supera, nesse romance, o silêncio do luto pela morte de sua mãe. Para além desse tipo de observação, vale a pena determo-nos neste comentário:

“Lily tenta fixar tudo o que emana de Mrs. Ramsay e ‘reter’ assim o passado. Mas, a partir do dia em que esta morre, Lily não poderá mais se livrar do seu fascínio. Seu fantasma continua a obcecá-la. Enquanto a primeira parte do livro gira em torno de Mrs. Ramsay, a última descreve a desolação da casa e obriga o leitor a experimentar o abandono” (pp. 27-28).

Acompanhemos o modo pelo qual Maud Mannoni nos apresenta *o abandono*, no modo vivido por outra personagem feminina de Virginia Woolf, em *Entre os Atos*:

“A cena se desenrola em Pointz Hall, uma casa de campo que passa de pai para filho. Lucy se sente como uma convidada nessa casa, herdada por seu irmão. Para ela, a biblioteca é o cômodo mais bonito. Ela vagueia, como um fantasma, à procura do passado, até o momento em que, perto da janela, olha dois retratos que se defrontam. (Cita Virginia:) ‘A dama era um quadro que Olivier comprara porque gostava dele como quadro; o homem era um ancestral, tinha um nome.’ (Retoma, comentando:) Do homem, fala-se. A mulher ocupa apenas um espaço imaginário. Simples quadro, ela não tem nome, não remete a nenhuma história, marca o lugar com uma ausência” (p. 68).

Há, nas citações acima, um trabalho, por parte da autora, de escuta do feminino, mais bem assentado do que interpretações partir da vida de V. Woolf, como é o caso da “solidariedade” (p. 33), que entrevê, entre a escritora e as psicanalistas kleinianas, justificada, no texto, apenas pelo fato de Ella Freeman Sharp e Marion Milner terem dado “acolhimento favorável” a *Um teto todo seu*.

Já em sua interpretação do *elemento líquido* na obra de Virginia Woolf, Maud Mannoni parece representar um kleinianismo ingênuo. À guisa de contraste, vale a pena citar Monique Nathan, uma outra comentadora da obra de Virginia Woolf:

"Fluxo e refluxo, rebentar de vagas no molhe eram para ela a imagem do contraponto entre tempo e eternidade, entre vida e morte, sofrimento e alegria, movimento e imobilidade. O universo úmido é todo uma vasta metáfora que decide a escolha das imagens e dos ritmos, assim como se pode ver nos interlúdios poéticos que ligam as seqüências de *As Ondas*"¹.

Maud Mannoni toma como fato indiscutível a história segundo a qual Virginia Woolf sofreu violência sexual na infância e cita sua descrição do sonho que teria tido essa origem traumática. Numa biografia, da autoria de Hermione Lee, escrita a partir de pesquisa rigorosa, encontramos nuances de narrativas e lembranças desse suposto trauma, situadas nos Diários e na correspondência de Virginia Woolf. Não é aí atribuído valor de verdade (verdadeiro ou falso) ao acontecimento, em vista dos inúmeros sentidos que a história vai assumindo para a escritora. Mas o que importa, no contexto do ensaio psicanalítico de Maud Mannoni, é o direcionamento para a questão da violência sofrida pela mulher no mundo de domínio masculino. Ela também destaca, na obra

e na vida de Virginia Woolf, várias formas de descrição dessa violência e de posicionamento contra ela. Suas notas sobre Virginia Woolf abrem o temário que percorre o aniquilamento da palavra da mulher identificada à histérica, à louca.

Virginia Woolf fez uma análise política da sua cultura. Segundo Hermione Lee, ela colhe fundamentos para tanto, em sua experiência vivida, desde a infância. É, como a mãe e as irmãs, submetida à tirania da família e às exigências e necessidades do pai. A economia preconceituosa faz com que se assumam as despesas com a universidade para os meninos e se determine o sistema de lições em casa para as meninas, forma de inclusão inferior na cultura, modo de mantê-las *uneducated*. Ela teria denunciado "as atitudes disciplinadoras dos médicos de família, a hipocrisia e a censura que mantinham as garotas ignorantes a respeito de sexo"². Esse tipo de vida teria inspirado a agenda política de Virginia Woolf segundo a conclusão sintética da biógrafa mencionada, que se articula de modo esclarecedor com a proposta de Maud Mannoni. Esta, por sua vez, inclui a revisão de grandes personagens do meio onde surgiu a psicanálise.

É digno de destaque o modo pelo qual o livro nos rerepresenta a figura de Charcot, sob uma luz em que o médico reconhece, torna críveis e visíveis os dramas das histéricas, mas evidencia surdez diante de sua demanda de cura. Ela nos perturba com a descrição da condição de Augustine, a paciente de Charcot:

"na sua reconstrução do estupro, Augustine, identificando-se ao mesmo tempo com a vítima e com o agressor, encena um equivalente de coito. Esgota-se com a violência que ela própria se impõe. Com seu corpo, ela oferece ao médico o que ele deseja saber, um saber que ela magnifica ao fetichizá-lo. Charcot exige sempre mais, até o dia em que Augustine simula 154 ataques no mesmo dia." // "Durante todos esses anos, Augustine encontrou apenas o desejo médico de saber sempre mais. Sua fala não tinha outra função senão continuar sendo 'fala de louca'. As loucas, como se sabe, 'não sabem o que dizem'..." (p. 84)

M. Mannoni faz sua travessia das vicissitudes do feminino. Resgata o contexto do sufrágio refletido na obra de Virginia Woolf, detém-se na descrição do lugar aviltado oferecido às mulheres no próprio meio psicanalítico, às vezes forrados por ditos desrespeitosos emitidos por homens, psicanalistas ilustres. No último capítulo, "A revolta", cita Lucien Israël (*Iniciation à la psychiatrie*) que vê na histeria, "não só uma revolta, mas também uma força revolucionária" (p. 95). Essa

força manifestar-se-ia na recusa da mulher a se submeter a determinadas convenções sociais. Todos já ouvimos, no meio profissional inclusive, referências desairosas a *loucas* que não têm razão, feminilidade ou compostura. A autora relê o estigma da mulher contestante que perturba a ordem estabelecida, para, enquanto psicanalista, investigar como isso se dá. Ela o faz, por exemplo, escutando, na literatura de V. Woolf, "o espaço materno posto em causa" e a "questão do pai" (p. 73). Ao evocar "as raízes inconscientes desse racismo anti-mulher" (p. 108), fundamenta a necessidade de analisar as diferenças sexistas sobre as quais se constroem sociedades. Examina a lenta conquista dos direitos da mulher, discute dados de relatórios de entidades mundiais, aponta a violência conjugal ainda protegida no Ocidente, passa pelos estupro coletivos praticados como meio de guerra na ex-Iugoslávia, chega aos horrores do Afeganistão, às mutilações praticadas na África. Faz-nos reconhecer que o *tornar-se mulher* é uma questão diante da qual, ao aplicar-se, a psicanálise não pode deixar de se imbricar com a política.

Camila Salles Gonçalves é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, autora de *Desilusão e história na psicanálise de J.-P. Sartre*.

NOTAS

1. Nathan, Monique, *Virginia Woolf*, José Olympio, p. 41, Rio de Janeiro, 1989, p. 42.
2. Lee, Hermione, *Virginia Woolf*, Alfred A. Knopf, New York, 1977, p. 125.